



CONHECENDO UM MUNDO NOVO COM O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA INTERVENÇÃO LÚDICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE CRIANÇAS COM TEA

Valena Miranda Mesquita¹
Talita Teixeira Pereira²

Categoria: Relato de experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da Educação Especial

RESUMO:

Este trabalho visa socializar a prática docente no Atendimento Educacional Especializado – AEE de um aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Após avaliação inicial, observamos aspectos comportamentais como atitudes agressivas e comunicação prejudicada. Os documentos orientadores do Ministério da Educação sobre o AEE direcionados ao TEA eram restritos, nos instigando a buscar novas técnicas. Assim, utilizamos a abordagem qualitativa descritiva, através do estudo de caso como metodologia, onde foi elaborado o projeto “O Pequeno Príncipe no mundo solidário das crianças” com foco nas potencialidades do aluno, baseado na obra literária “O Pequeno Príncipe”, de Antonie de Saint-Exupéry. Objetivando trabalhar as dificuldades apresentadas e oportunizar o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e afetivas o trabalho fundamentou-se na teoria histórico-social de Vygotsky na premissa de que o lúdico estimula a ampliação da Zona de Desenvolvimento Proximal, favorecendo as habilidades descritas. Foram desenvolvidas atividades relacionando o comportamento do aluno ao príncipe da obra e, ao longo do processo, verificamos uma mudança qualitativa em sua conduta. Concluímos que é de suma importância a realização do estudo de caso para escolha da intervenção adequada a cada criança no AEE, assim como proporcionar práticas lúdicas no trabalho pedagógico voltado aos alunos com TEA, expandindo as experiências que muitas vezes estão restritas aos ambientes clínicos.

Palavras-chave: ludicidade. transtorno do espectro autista. AEE.

¹ Valena Miranda Mesquita. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FIBRA/2018). E-mail: pedagogia.rodrigues@gmail.com

² Talita Teixeira Pereira. Pós-Graduada em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva (UEPA/2005). E-mail: talitapereira@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O atendimento educacional especializado, na perspectiva do paradigma da educação inclusiva, juntamente com o ensino comum, deve visar o pleno desenvolvimento do educando público alvo da Educação Especial, prescreve a Constituição Federal, em seu artigo 205. E proporcionar desta forma, a efetiva participação nos mais diversos contextos escolares, no que diz respeito aos aspectos curriculares, sociais e culturais.

Dentro desse contexto, a sala de recursos multifuncionais em relação ao atendimento de aluno com Transtorno do Espectro do Autismo- TEA, com vista ao seu pleno desenvolvimento e participação na vida escolar, necessita ter elementos metodológicos para atender este educando. E a ludicidade pode se apresentar como um dos caminhos a serem trilhados.

Em 2013, ingressamos como professoras de sala de recursos multifuncionais-SRM em uma escola da rede municipal de Belém e assim tivemos o primeiro contato com o aluno C.E., diagnosticado com TEA e matriculado no 4º. ano do ensino fundamental. Na época possuía dez anos de idade e era criado por sua mãe e avó.

Durante as observações iniciais e convivência percebemos alguns aspectos no aluno que nos preocuparam enquanto educadoras: apresentava comportamentos socialmente inadequados como agressividade com a mãe e para com os colegas, comunicação bastante prejudicada com a presença de falas como “chupar teu sangue” e “arrancar teu cérebro” e chutava as lixeiras dos corredores quando contrariado. Pouco permanecia em sala de aula e não demonstrava nenhum tipo de afeto para com seus colegas e professores.

Desta forma, montar um plano de atendimento individual tornou-se um grande desafio para nós, pois a maioria do arcabouço de documentos orientadores do Ministério da Educação- MEC sobre o AEE, na época, dirigiam-se aos alunos com deficiências visual, auditiva, intelectual, física e as altas habilidades/superdotação. Poucos eram os documentos orientadores sobre os “transtornos globais do desenvolvimento”, aonde o autismo se incluía.

Em entrevista com a mãe percebemos que C. E. na verdade estava acostumado a assistir filmes de terror nos canais abertos de televisão enquanto estava em casa. Foi quando tivemos o olhar da necessidade de introduzir novas experiências no repertório do educando, que estimulasse novas linguagens, novas condutas e novos relacionamentos com seus pares e adultos, estimulando comportamentos positivos e afetuosos por meio de um projeto que envolvesse todos os alunos do AEE.

O viés condutor de todo o projeto de intervenção foi a obra literária “O Pequeno Príncipe”, de Antonie de Saint-Exupéry (2006, 48ª ed.), baseado na premissa de que o lúdico favorece a criação da Zona de Desenvolvimento Proximal-ZDP, porque através dele “a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário, (...) é como se ela fosse maior do que é na realidade”, segundo Vygotsky (1994, p.117, apud FORMOSINHO, 2007, p.225). E o teórico continua;

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar zonas de desenvolvimento proximal; ou seja, (...) desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente (na interação entre) pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente.

Outro estudioso ressalta a importância de considerar que o potencial de desenvolvimento de uma criança “depende tanto de conhecimentos e competências próprios quanto da maneira como são estabelecidas as interações com o meio social e do nível de complexidade das atividades com as quais (...) envolve-se” (OLIVEIRA-Formosinho, 2007, p.225).

Acreditávamos como pedagogas e professoras de AEE na importância de estimular a “saída” do C. E. de seu mundo e arvorar novos mundos, novas possibilidades de convivência, estimulando através da história épica de um príncipe pequeno, mas grande de curiosidade e afetividade, que também deixou seu mundo para explorar novos espaços, em cada planeta pessoas diferentes, diálogos instigadores, na busca da necessidade de entender melhor a vida. Este era o nosso

projeto, estimular a interação do aluno com seus colegas, para substituímos os comportamentos agressivos por interações lúdicas.

Nosso projeto baseou-se na premissa fundamental da importância da interação para qualquer criança, como afirma Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.289), que “durante os anos do ensino fundamental, as crianças experimentam melhoras significativas em todo um repertório de habilidades sociais diretamente envolvidas nas interações com seus iguais”. E continuam com suas análises ressaltando que as “interações agressivas, as mudanças evolutivas desse período devem ser analisadas não somente em função de parâmetros quantitativos, mas fundamentalmente qualitativos” (2004, p.289).

O projeto denominado “O Pequeno Príncipe no mundo solidário das crianças” teve como objetivo geral oportunizar o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e afetivas dos alunos do AEE de forma prazerosa e lúdica, substituindo os comportamentos agressivos ora apresentados e visando a inclusão social na escola. Além de desenvolver a criatividade e atitudes no intuito de resolver pequenos conflitos; estimular a oralidade, a auto-estima e as expressões corporais; além de exercitar atitudes de cortesia, solidariedade e alteridade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A partir da coleta de dados foi adotada uma abordagem qualitativa descritiva, por meio do estudo de caso, aonde “descreve uma instância singular, um objeto que é tratado como único” (TEIXEIRA, 2000, p.72). Com base nesta proposta pensamos na linguagem lúdica e suas diversas vertentes como instrumento pedagógico de intervenção do AEE, numa perspectiva interdisciplinar de interagir com as demais disciplinas e espaços escolares.

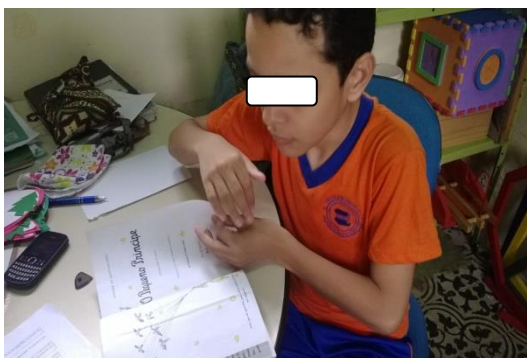
Com base no estudo de caso, elaboramos o projeto de intervenção intitulado “O Pequeno Príncipe no mundo solidário das crianças” que foi desenvolvido durante os atendimentos na SRM e nas turmas regulares, com apoio dos professores, através de atividades plásticas (pintura, construção de dedoches, figuras feitas com massa de

modelar, construção de bonecos em EVA e outras) e sessões de vídeo dirigidas (trechos do filme), relacionando com situações de conflito entre os colegas e dinâmicas de grupo.

Também houve a exploração dos diversos valores que o livro oportuniza com a contação resumida da história, para apresentação inicial do tema às turmas e posteriormente a exploração de atividades artísticas pela professora da disciplina Artes e professores regentes das turmas. Tendo como culminância uma mostra de trabalhos e apresentação da esquete (teatro curto) baseado na obra “O Pequeno Príncipe”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O atendimento educacional especializado desenvolvido por meio de projeto lúdico e como eixo a obra literária do Pequeno Príncipe, demonstrou-se após um semestre letivo de trabalho, que o imaginário, a brincadeira simbólica e a criatividade são essenciais no desenvolvimento das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Destaca-se aqui as crianças autistas por terem sido elas que demonstraram grandes avanços naquilo que lhes são mais prejudicadas: comunicação, conduta social e afetividade.



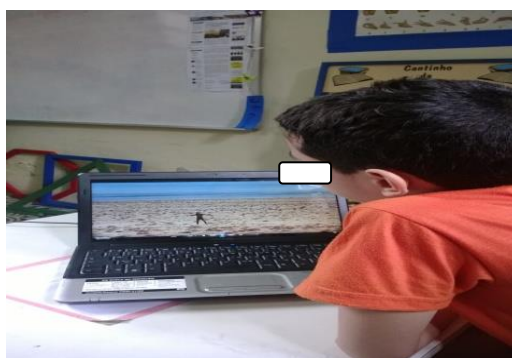
O projeto iniciou-se com a apresentação do livro aos alunos com TEA, C.E. e outros atendidos no AEE, com exploração das imagens e leitura de pequenos trechos, instigando a curiosidade pela história e pelo personagem principal e demais

personagens tão instigadores quanto, como a raposa, a rosa e o aviador. A obra trabalha o conceito de amizade e respeito ao próximo.

Santos e Paulino (2008, p.130), afirmam que:

o ato de brincar reflete a importância das vivências sociais e culturais que constituem a aprendizagem socialmente elaborada. Na brincadeira, as crianças transformam, através da imaginação, os objetos socialmente produzidos e as atitudes e comportamentos de seu ambiente particular. Sendo assim, o brincar não é apenas uma atividade que dá prazer, visto que, na verdade, brincando, a criança busca reelaborar suas vivências cotidianas, sendo agradáveis ou não [...].

A linguagem que antes estava baseada em vocabulários restritos de filme de terror, somado a um nível de ansiedade alto e stress nas relações com os colegas, com a introdução e exploração do filme “O Pequeno Príncipe”, aonde o personagem principal se utiliza sobremaneira de frases de cortesia como “com licença”, “por favor” e “por favor, brinca comigo”, transformou-se paulatinamente em C.E e outro aluno com TEA, substituídas por frases de cortesia para com os colegas e professores. Em momentos de crise de ansiedade, quando algo saía do esperado pelo mesmo, suscitávamos reflexão sobre como o pequeno príncipe agiria naquela situação e imediatamente o C.E. parava e pensava conosco, lançando o questionamento e ele mesmo respondendo que o personagem não tomaria aquela atitude. O filme foi explorado no AEE e em sala regular.



A amizade foi estimulada pelo contexto da relação amorosa do pequeno príncipe com a rosa, de cuidado com o outro e a responsabilidade pelo afeto que cativa-se no outro. Foram desenvolvidas atividades artísticas, como o desenho e a pintura, que ocorreram no AEE e em sala regular com o apoio da professora de Artes da escola.



Considera-se neste estudo a visão sócio histórica do desenho, de acordo com Santos e Paulino (2008, p.138), em que se remetem à Vygotsky e compreendem o desenho “como atividade compartilhada e socialmente construída, entendendo assim a ação de desenhar como individualmente produzida e coletivamente significada”.

A atividade que suscitou mais resultados foi a peça teatral baseada na obra em questão e que envolveu alunos da sala do C.E. e de outras turmas, com apoio do corpo docente e da direção escolar. A adaptação da obra envolveu os “príncipes” e as “princesas” da escola, aonde o personagem principal era o aluno C.E. como pequeno príncipe, que ia visitar o mundo solidário das escolas aonde todos eram aceitos, a diversidade era respeitada e assim ele se encantou e ficou.

Observou-se durante os ensaios o envolvimento de C.E. e demais alunos da escola. Antes ele não permanecia na quadra com outros alunos juntos. Começou-se a estimular o imaginário primeiramente no AEE, a partir do concreto, construiu-se artesanalmente com ele a caixa com o carneiro dentro (referência ao trecho da obra aonde o Pequeno Príncipe aparece pela primeira vez ao avião e pede para desenhar um carneiro e só fica satisfeito na quarta tentativa do desenho do carneiro dentro da caixa).



Por todo observado ao longo do projeto e com sua finalização na festa de encerramento de Natal da escola, com o teatro curto da obra (texto adaptado pelas professoras do AEE), conclui-se que houve uma mudança qualitativa no comportamento daquele aluno que por muitos da escola, era dito como o mais violento e agressor. C. E. passou a sorrir e a perceber o outro nas interações mediadas por atividades lúdicas. Como Coll, Marchesi e Palacios (2004) afirmaram, a evolução do comportamento, geradora de mudanças de atitudes provisoriamente agressivas, se dá muito por vivências de mudanças significativas.

O desafio foi grande, ao chegar na escola e se deparar com um cenário posto, cheio de pré-conceitos sobre uma criança, porém o olhar pedagógico, passando pelo recorte afinado da ludicidade e todas as possibilidades que ela propõe, mostraram que qualquer ser humano tem possibilidades de se modificar em interação com o meio e de forma prazerosa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta experiência percebeu-se a suma importância de se realizar uma avaliação diagnóstica inicial de cada aluno, por meio de estudo de caso, incluindo interesses do aluno, a motivação, as potencialidades e as necessidades acadêmicas. Somada às habilidades sociais, de comunicação e funcionais. Para que desta forma perceba-se como cada aluno se sente estimulado a aprender, tendo deficiência ou não.

Outro ponto fundamental apreendido foi que, devemos tomar muito cuidado como pensamos e relatamos sobre alunos com comportamento desafiador, o modo como o percebemos irá determinar significativamente a forma de delimitação da situação-problema, a estrutura do plano de atendimento e seus objetivos, assim como a escolha dos procedimentos de intervenção. O olhar investigativo foi fundamental no resultado positivo do projeto.

Posto isso, a relevância do projeto se faz no aprendizado de que como sujeitos históricos que somos, como afirmava Vygotsky, abrimos as possibilidades para novas práticas e novos conhecimentos, nem tudo esgota-se no que já está posto nas teorias, aonde historicamente afirmavam ser quase impossível trabalhar o simbólico, a criatividade e a imaginação com uma criança autista.

O conhecimento humano será um eterno reinventar, pois a realidade complexa é muito mais complexa e desafiadora. O C.E. e o Pequeno Príncipe aceitaram o desafio e desbravaram juntos vários planetas, várias possibilidades e assim, reconheceram a importância do outro no desenvolvimento e na aprendizagem humana de cada um.

Para finalizar, sugerimos a continuidade de estudos sobre a importância do brincar para aluno com TEA, não só numa visão terapêutica, que possui um arcabouço teórico nesta área, mas como metodologia pedagógica como genuinamente sempre foi para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

COLL, Céar; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: psicologia evolutiva. 2º.ed. Vol.1. Porto Alegre: Artmed, 2004. 470 p.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac P.; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento Educacional Especializado**: aspectos legais e orientações pedagógicas. Brasília: SEESP/ SEED/ MEC, 2007. 60 p.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato. **Pedagogia(s) da Infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. 328 p.

SAINT- EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**: com aquarelas do autor. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANTOS, Mônica Pereira dos; PAULINO, Marcos Moreira. **Inclusão em Educação**: culturas, políticas e práticas. 2º.ed. São Paulo: Cortez, 2008. 168 p.